

21 de maio de 1958

Seminário da quarta-feira de 21 de maio de 1958

Através da exploração que prosseguimos das estruturas neuróticas na medida em que estão condicionadas pelo que chamamos de *as formações do inconsciente*, chegamos na última vez a falar do obsessivo. Terminamos nosso discurso sobre o obsessivo dizendo que ele deve se constituir em algum lugar diante de seu desejo evanescente. Começamos a indicar na fórmula do desejo como sendo o desejo do outro, porque no obsessivo, este desejo é evanescente. Este desejo é evanescente em razão de uma dificuldade fundamental de sua relação com o Outro, com o Outro como tal, *este grande Outro enquanto o lugar onde o significante ordena o desejo*

É esta dimensão que tentamos aqui articular porque cremos que é por não termos sua dimensão, que se introduzem as dificuldades na teoria, e também os desvios na prática. Queremos de passagem, tecer, de alguma forma, no interior deste discurso, fazer com que sintam - é o sentido da totalidade da obra de Freud, se a observarmos após um percurso suficiente - que esta descoberta é o significante que ordena o desejo. Mas evidentemente no interior deste fenômeno, o sujeito procura exprimir, manifestar num efeito de significante como tal, o que ocorre com sua própria abordagem com o significado.

Até um certo ponto, a obra de Freud se insere ela mesma neste esforço. A propósito da obra de Freud, falou-se muito de um naturalismo, esforço de redução da realidade humana à natureza. Não é nada disso. A obra de Freud é uma tentativa de pacto entre este ser do homem e a natureza, e um pacto que certamente está sendo procurado alhures que não numa relação inata. É a partir do fato que o homem é constituído, se constitui enquanto de sujeito da palavra, enquanto *eu [jê] do ato da palavra* que o homem está sempre sendo experimentado na obra de Freud, e como negar isso, já que justamente na análise ele não está sendo experimentado de outra maneira? Ele se encontra, pois, essencialmente em face da natureza numa postura diferente da de um portador imanente da vida. É no interior desta experiência que ele faz o *sujeito da palavra*, que o laço, sua relação com a natureza deve encontrar como se articular, se formular.

É esta relação à vida que está simbolizada nesta espécie de engodo que ele arranca das formas da vida sob o significante do falo, e é aí que se encontra o ponto central, o ponto mais sensível, mais significativo de todas estas encruzilhadas significantes que exploramos durante a análise do sujeito. O falo é, de certa forma, o cume, o ponto de equilíbrio, o significante por excelência desta relação do homem ao significado, e evidentemente pelo mesmo fato, ele se encontra numa posição, diremos, cuja inserção do homem na dialética do desejo sexual está destinada a uma problemática toda especial. A primeira é que ela deve encontrar lugar em algo que a precedeu, que é a dialética da demanda na medida em que a demanda sempre demanda algo que é mais, e além da satisfação, à qual ela apela - de onde, se se pode dizer, o caráter ambíguo do lugar onde deve se situar o desejo, este lugar que é sempre problemático e que está além desta demanda. Evidentemente ela está além na medida em que a demanda visa à satisfação da necessidade e está aquém da demanda. Sim, ela está aquém, na medida em que a demanda, pelo fato de estar articulada em termos simbólicos, é uma demanda que vai além de todas as satisfações às quais ela apela na medida em que ela é demanda de amor, na medida em que ela é demanda visando ao ser do outro, a obter do outro esta presentificação essencial que faz com que o outro dê este algo que está além de toda e qualquer satisfação possível, que é seu próprio ser, que é justamente aquilo que está visado no amor.

21 de maio de 1958

É neste espaço virtual entre o apelo da satisfação e a demanda do amor que o desejo deve se organizar e tomar seu lugar, e é nisso que nos encontramos para situarmos o desejo nesta posição sempre dupla, que faz disso, em relação à demanda, algo que está ao mesmo tempo aquém e além, dependendo da face ou do aspecto sob o qual encaramos a demanda, a saber, enquanto de demanda em relação a uma necessidade, ou de demanda como estruturada em termos de significante, que, como tal, ultrapassa sempre toda e qualquer espécie de resposta que esteja no nível da satisfação, que chama em si mesma uma espécie de resposta absoluta que desde então vai projetar seu caráter essencial de condição absoluta sobre tudo quanto vai se organizar neste intervalo, este intervalo interior a ambos os planos da demanda, o plano significado e o plano significante da demanda onde o desejo deve se articular, tomar seu lugar.

É justamente porque ele deve se articular e tomar seu lugar neste lugar, que, da abordagem do sujeito a este desejo, o outro se torna o substituto, o outro enquanto lugar da palavra. E precisamente na medida em que é a ele que se dirige a demanda, vai ser o lugar também onde deve ser descoberto o desejo, onde deve ser descoberta a formulação possível do desejo. É aí que se exerce a cada instante a contradição, pois no interior deste outro, na medida em que ele está possuído por um desejo, por um desejo que, em suma, inaugural e fundamentalmente, está alheio ao sujeito, as dificuldades da formulação deste desejo vão ser aquelas contra as quais o sujeito vai se chocar, e quanto mais significativamente se chocar, precisamente o vemos desenvolver as estruturas que são aquelas que a descoberta analítica permitiu desenhar.

Nós o dissemos, elas são diferentes, estas estruturas, de acordo como a ênfase recaia sobre o caráter da insatisfação essencial deste desejo. É o modo pelo qual o histérico aborda o campo e a necessidade - sendo a ênfase posta sobre o caráter essencialmente dependente do outro - do acesso a este desejo; e é o modo sob o qual esta abordagem se propõe ao obsessivo.

Nós o dissemos ao terminarmos na última vez: aqui ocorre algo diferente desta identificação histórica que existe essencialmente porque a histérica, para encarar este desejo que para ela é um ponto enigmático, é algo a que trazemos sempre uma espécie de interpretação forçada que é aquela que caracteriza todas as primeiras abordagens que Freud fez da análise da histeria. Freud não disse que, para a histérica, o desejo está situado numa posição tal que dizer a ela: *eis aquele ou aquela que você deseja*, é sempre uma interpretação forçada, inexata, fora de propósito. Não há exemplos que uma histérica, quer nas primeiras observações que Freud fez, quer mais tarde, quer no caso de Dora, quer mesmo, se alargarmos o sentido da histérica ao caso da homossexual que comentamos longamente aqui, que Freud, de certa forma, não tenha errado, e, em todos os casos, não tenha, sem exceção alguma, chegado à recusa da paciente em aceder, pelo sentido do desejo, de seus sintomas e de seus atos, que foi assim que ele procedeu, cada vez. Com efeito, o desejo da histérica é essencialmente e como tal, não desejo de um objeto, mas desejo de um desejo, esforço para se manter em face deste ponto onde ela chama seu desejo, o ponto onde está o desejo do outro, ela se identifica, pelo contrário, a um objeto. Dora se identifica ao Sr. K.. A mulher da qual falei, Elizabeth von R., se identifica igualmente a diferentes personagens de sua família ou de seu meio. É do ponto onde ela se identifica a alguém para quem o termo *eu [mãe]* ou *ideal do eu [mãe]* são igualmente impróprios quando se trata da histérica, alguém que se torna para ela seu outro *eu [mãe]*, precisamente este objeto cuja escolha da identificação sempre foi expressamente articulada por Freud de uma maneira conforme ao que estou lhes dizendo, a saber, que é na medida em que ele ou ela reconhece num outro

21 de maio de 1958

ou numa outra os indícios de seu desejo, a saber, que ele ou ela está diante do mesmo problema de desejo que ela ou ele, que se produz a identificação, e todas as formas de contágio, de crise, de epidemia, de manifestação sintomática que são tão características da histeria.

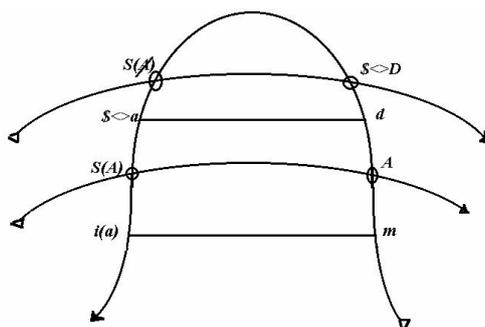
O obsessivo tem outras soluções, pela razão que o problema do desejo do outro se apresenta a ele de maneira totalmente diferente. Para articulá-lo, vamos tentar um acesso pelas etapas que nos permitem a experiência concernente ao obsessivo.

Direi que, de certa maneira, pouco importa sob que ângulo devemos encarar o vivido do obsessivo. Trata-se de não esquecer sua diversidade. As vias traçadas pela análise, o caminho por onde nossa experiência, tateante, deve ser dito, nos incitou a resolver, a encontrar a solução do problema do obsessivo, estas vias são parciais ou com parcialidade [*partielles* ou *partiales*]. Evidentemente, elas fornecem por si mesmas um material, e podemos explicar a maneira pela qual este material é utilizado, de diferentes maneiras, dependendo dos resultados obtidos.

Primeiro, podemos também criticá-las em si mesmas. Esta crítica deve ser, de alguma forma, convergente. A impressão que temos ao soletrarmos esta experiência tal como ela se orientou na prática, é incontestavelmente que a teoria, bem como a prática, tendem a se centrar sobre a utilização dos *fantasmas* [*fantasmes*] do sujeito. Este papel dos *fantasmas* no caso da neurose obsessiva tem algo de enigmático, na medida em que o termo *fantasma* nunca está inteiramente definido. Falamos aqui muito e longamente de relações imaginárias, da função da imagem como guia, se assim se puder dizer, do instinto, como canal, indicação no caminho das realizações instintuais. Por outro lado, sabemos até que ponto é reduzido, é pequeno, está empobrecido este uso no homem, na medida em que se pode detectar isso com certeza, da função da imagem, posto que ela parece se reduzir à imagem narcísica, à imagem especular. Está, eu diria, reduzida a uma função extremamente polivalente: não digo neutralizada, posto que funcionando igualmente no plano da relação agressiva e no plano da relação erótica.

Como podemos articular as funções imaginárias incontestavelmente essenciais, prevaletentes, de que todo mundo fala, que estão no âmago da experiência analítica, as do fantasma, no ponto onde chegamos?

Creio que neste lugar, devemos ver que o esquema aqui apresentado nos abre a possibilidade de articular, de situar a *função do fantasma* [*fantasme*]. É provavelmente por uma espécie de atalho intuitivo desta *topologia* que lhes peço comecem a representá-lo. Evidentemente não se trata de um espaço real, mas algo onde podem se desenhar estas homologias.



21 de maio de 1958

Se a realização da imagem do outro se faz, com efeito, em algum lugar no nível de uma experiência integrada ao circuito da demanda, ao primitivo circuito da demanda, a razão pela qual o sujeito se dirige primeiro ao outro para a satisfação de suas necessidades; e se for em algum lugar deste circuito que se faz esta espécie de acomodação transitivista de efeito de postar-se que põe o sujeito numa certa relação a seu semelhante como tal; se, pois, a relação da imagem encontra aí no nível das experiências e do próprio tempo de entrar no jogo da palavra no limite da passagem do estado *infans* ao estado falante, diremos isto: é que neste campo onde procuramos as vias da realização do desejo do sujeito por meio do acesso do desejo do outro, é num ponto homólogo que se encontram a função e a situação do *fantasma*.

Definiremos o fantasma, se quiserem, como o imaginário tomado num certo uso de significante Isto se manifesta, isto é importante, isto se observa de maneira característica, nem que fosse nisto, quando falamos como de fantasmas - os *fantasmas sádicos*, por exemplo, que desempenham um papel tão importante na economia do obsessivo - não basta qualificarmos estas manifestações de *fantasmáticas* pelo fato de que representam algo que é uma tendência qualificada de sádica, em relação com uma certa obra literária que, ela mesma, não se apresenta como uma investigação dos instintos, mas como um jogo que o termo imaginário estaria muito longe de qualificar, haja visto que é uma obra literária, que são cenas, para dizer tudo, que são cenários, que é algo profundamente articulado no significante de que se trata. Afinal de contas, creio que, toda vez que falamos de *fantasma*, é preciso que não desconhecamos o lado cenário, o lado história que lhe forma uma dimensão essencial. Não é uma espécie de imagem cega do instinto de destruição; não é algo onde o sujeito - faço, eu mesmo, também, imagens para lhes explicar o que quero dizer - se enfurece repentinamente diante de sua presa de que se trata. É algo não somente que o sujeito articula num cenário, mas onde o sujeito se coloca ele mesmo em jogo neste cenário.

A fórmula $\$$, com a pequena barra, isto é, o sujeito no ponto mais articulado de sua presentificação em relação ao pequeno *a*, é algo válido em toda e qualquer espécie de desdobramento propriamente *fantasmático* daquilo que na oportunidade chamamos de a tendência sádica, na medida em que ela pode estar implicada na economia do obsessivo.

Observarão que há sempre uma cena na qual o sujeito é apresentado como tal no cenário, sob formas diferentemente mascaradas, sob a forma de implicações em imagens diversificadas do outro no qual um outro, enquanto de semelhante, na qualidade também de reflexo do sujeito, está aí presentificado, eu diria mais, não se insiste bastante sobre o caráter de presença de um certo tipo de instrumento. Já aludi, depois de Freud, à importância, por exemplo, do *fantasma* de flagelação, este *fantasma* que Freud articulou especialmente, posto que parece ter um papel peculiar. Era uma das faces de seu artigo de comunicação muito precisa que fez sobre este assunto. É sobre seu papel no psiquismo feminino. Ele o fez porque abordou sob este ângulo e sob um certo ângulo de suas experiências.

Evidentemente, este *fantasma* está longe de ser limitado aos casos e ao campo de que Freud falou nesta oportunidade, mas, se olharmos de perto, é seu campo, muito legitimamente limitado na medida em que este *fantasma* desempenha um papel *mui* peculiar numa certa curva do desenvolvimento, e um ponto peculiar do desenvolvimento da sexualidade feminina, e *mui* precisamente na medida em que a intervenção da *função do significante faló* que desempenha seu papel particular no interior da neurose obsessiva e de todos os casos em que vemos saírem os *fantasmas* ditos sádicos.

21 de maio de 1958

A presença, a predominância deste elemento, afinal de contas enigmático, que dá sua prevalência a este instrumento do qual não se pode dizer que, de forma alguma, a função biológica o explique bem. Poder-se-ia imaginá-lo ou encontrar nele não sei que relação com as excitações superficiais e as estimulações da pele. Sentem até que ponto isto teria um caráter incompleto, um caráter quase artificial e claro, que na função tão freqüentemente aparecida no interior dos *fantasmas* deste elemento, a esta função se liga uma plurivalência significativa que coloca todo o peso da balança muito mais do lado do significado que qualquer coisa que seja que possa se relacionar com uma dedução da ordem biológica, da ordem das necessidades, da ordem qualquer que seja.

Esta noção do *fantasma*, pois, como algo que, sem dúvida alguma, participa da ordem imaginária, mas que não toma sua função de *fantasma* na economia, e em qualquer ponto em que se articule, a não ser por meio de sua função significativa, é algo que nos parece - isto até o presente momento não foi formulado assim - essencial para falarmos do fantasma. Eu diria mais: não creio que haja outro meio de fazer conceber o que se chama de os *fantasmas* inconscientes.

O que são os *fantasmas* inconscientes, se não forem a latência de algo que - nós o sabemos através de tudo quanto temos aprendido da organização da estrutura do inconsciente - é absolutamente possível na qualidade de cadeia significativa? Que haja no inconsciente cadeias significantes que subsistem como tais, e que, de lá, estruturam, agem sobre o organismo, influenciam o que aparece fora como sintoma, isto é todo o fundo da experiência analítica. É muito mais difícil conceber a instância e a incidência inconsciente de qualquer coisa imaginária que seja, que colocar o próprio *fantasma* no nível daquilo que se apresenta para nós no nível do inconsciente, a saber, no nível do significativo. O *fantasma* é essencialmente um imaginário tomado numa certa função significativa.

Por enquanto não posso articular mais longe esta aproximação. É simplesmente uma certa maneira de lhes propor o que será articulado mais tarde de maneira mais precisa, a saber, a situação do ponto **S** em relação ao pequeno *a*, do *fato fantasmático* sendo o próprio *fato fantasmático* uma relação articulada e sempre complexa, um cenário. Isso é característica (deste fato), é algo que pode ocorrer, conseqüentemente, e permanecer latente por muito tempo num certo ponto inconsciente que, no entanto e desde já, está organizado como um sonho, por exemplo, que não se concebe senão se a função do significativo for a única a dar-lhe sua estrutura e sua consistência, e ao mesmo tempo sua insistência.

Estes fantasmas sádicos por exemplo - é um fato da experiência comum e de primeira abordagem na investigação analítica dos obsessivos, que se aperceberam do lugar que isso ocupa no obsessivo; que isso se sustenta, mas não se sustenta de maneira forçosamente patente e definida, mas que no metabolismo de transformação obsessiva, as tentativas que o sujeito como tal faz em direção a um reequilíbrio daquilo que é o objeto de sua busca, equilibrante, a saber, de algo que deve se reconhecer em relação a seu desejo. Evidentemente, quando vemos um obsessivo em estado bruto, natural, tal como ele chega a nós ou como é presumido chegar, através das observações publicadas, o que encontramos é alguém que nos fala antes de mais nada e sobretudo de toda espécie de impedimentos, de inibições, de receios, de dúvidas, de barragens, de proibições. Sabemos também desde já que não será naquele momento que ele nos falará desta vida fantasmática. Sabemos também que é nos obsessivos nos quais quer a intervenção terapêutica quer as tentativas autônomas de solução, de saída, de elaboração de sua própria dificuldade propriamente obsessiva, veremos aparecer, de maneira mais ou menos predominante, a invasão em sua vida anterior, em sua vida psíquica, destes fantasmas que na oportunidade

21 de maio de 1958

qualificamos com uma simples etiqueta de sádicos, a saber, destes fantasmas que nos propõem já, se podemos dizer isso, seu enigma, na medida em que não podemos nos contentar em articulá-los como manifestações de uma tendência, mas como organização, ela mesma significante das relações do sujeito ao outro como tal.

Por outro lado, sabem o quanto estes fantasmas podem tomar, em certos sujeitos, uma força invasora, absorvente, cativante, que pode engolir pedaços, planos inteiros da vida psíquica, de seu vivido, de suas ocupações mentais. É mesmo do papel econômico deste fantasma, na qualidade aqui de articulado e subsistente, que se trata, nesta oportunidade, de tentar nos dar uma fórmula.

Estes fantasmas que têm como caráter serem fantasmas que, nos sujeitos, permanecem no estado de fantasmas, que não são realizados senão de maneira muito excepcional, e que de qualquer maneira, para o sujeito, por sinal, é sempre excepcional, na medida em que nós, nesta oportunidade, observamos a mecânica desta relação do sujeito ao desejo, a saber, à medida que ele pode tentar, nas vias que lhe são próprias, aproximar, é precisamente nesta medida que vem à extinção, ao amortecimento e ao desaparecimento, a aproximação destes desejos. O obsessivo é um Tântalo, eu diria, se Tântalo não fosse uma imagem que nos está sendo apresentada pela iconografia autêntica infernal, que é bastante rica, como uma imagem antes de mais nada oral. Mas não é, porém, por nada que lhes apresento este Tântalo, e como tal, veremos que esta subjacência oral àquilo que constitui o ponto de equilíbrio, o nível, a situação do fantasma obsessivo como tal, todavia, é preciso que ele exista, posto que, afinal de contas, é este plano que, no plano fantasmático, é reencontrado pelo terapeuta, pelo próprio analista, na medida em que, como viram, como aludi a propósito da linha terapêutica traçada na série dos três artigos, é numa espécie de absorção fantasmática, que certos terapeutas e uma grande parte da prática analítica se engajaram, com, incontestavelmente, certos resultados que ficam para serem criticados, se engajaram para encontrar a via na qual um novo modo de equilíbrio, um certo temperamento, por assim dizer, é dado ao acesso do obsessivo nesta via da realização de seu desejo.

Observamos todavia, que encarando as coisas sob este ângulo, só vemos uma face do problema. É preciso que desdobremos o leque da outra face, sucessivamente. E evidentemente, não desconhecemos o que representa da maneira mais aparente nos sintomas do obsessivo, o que habitualmente é apresentado sob a forma daquilo que se chama de as exigências do superego.

É da maneira pela qual devemos conceber no obsessivo estas exigências. É da raiz destas exigências no obsessivo, que vai se tratar agora.

O que ocorre no obsessivo, creio que podemos indicá-lo e lê-lo no nível deste esquema de uma maneira que, creio, se mostrará mais tarde, não ser menos fecunda.

Poder-se-ia se dizer que o obsessivo está sempre a pedir uma licença. Creio que reencontrarão isto no nível do concreto, no nível daquilo que o obsessivo diz em seus sintomas. Isto até está inscrito, e mui freqüentemente articulado. Ele está sempre a pedir uma permissão, e veremos qual será o passo seguinte, mas o fato que, se confiarmos neste esquema, o que ocorre neste nível é importante. Pedir uma permissão é justamente ter como sujeito uma certa relação com sua demanda. Uma permissão, para o obsessivo, é, afinal de contas, restituir este Outro, com um grande **O**, que é justamente o que dissemos para entrar nesta dialética que estava posta em causa, para ele, posta em questão, e mesmo posta em perigo. Colocar-se na mais extrema dependência em relação ao Outro, isto é, ao

21 de maio de 1958

Outro na medida em que ele fala, já é algo que nos indica até que ponto é essencial para o obsessivo conservar este lugar. Eu diria até que é aqui mesmo que se vê a pertinência em Freud, (daquilo) que se chama sempre *Versagung* negação, recusa e permissão por sinal, implicada no fundo, o pacto de algo recusado, por assim dizer, sobre o pano de fundo de promessa, em vez de falar de frustração.

Não é no nível da demanda pura e simples que se coloca o problema das relações ao Outro na qualidade de sujeito completo. Isso se coloca assim quando fazemos uma tentativa de recurso ao desenvolvimento, quando nos imaginamos uma criancinha mais ou menos impotente diante de sua mãe, isto é, quando nós próprios fazemos um objeto de alguém que está à mercê de outro alguém. Mas desde que o sujeito está na relação que definimos com o Outro pela palavra, há além de toda e qualquer resposta do Outro, mui precisamente na medida em que a palavra cria este além de sua resposta, há em algum lugar um ponto virtual, verossimilmente ele é virtual, mas na verdade, se não houvesse a análise, não poderíamos responder que alguém aceda a ele, salvo a esta espécie de análise mestra e espontânea que supomos sempre possível em alguém que realizasse perfeitamente o *conheça a ti mesmo*. Mas é o certo para nós, que temos todas as razões de pensar que este ponto que nunca foi desenhado até o presente de maneira estrita, a não ser na análise.

O que a noção de *Versagung* desenha é, propriamente falando, em si mesma, esta situação do sujeito em relação à demanda, e o que quero enfatizar aqui, é isto, e é um pequeno passo que, peço, façam, na mesma frente de avanço daquele que lhes pedi a propósito do fantasma. Aquilo de que falamos quando falamos de estágio de relação fundamental ao objeto, o que qualificamos de oral, de anal, e até mesmo de genital, o que é? Há aqui uma espécie de miragem que se estabelece pelo fato que, reprojutando tudo isto no desenvolvimento, retomamos a noção, mas nunca passa de uma noção reconstruída posteriormente, um certo tipo de relação estruturando o *Umwelt* do sujeito em torno de uma função central, é algo que define no desenvolvimento sua relação com o mundo.

Dando a tudo quanto lhe chega de seu ambiente uma significação especial, isto nem é articulado geralmente de maneira tão elaborada, precisamente o fato de que todas estas ações do ambiente por exemplo, sofreriam, por assim dizer, a refração através do objeto típico, oral, anal, e genital, isto é muito freqüentemente eludido. Fala-se pura e simplesmente do objeto, depois fala-se paralelamente de ambiente, não se sonha por um só instante em ver a diferença que há entre o objeto típico de uma certa relação definida por um certo estágio de rejeição no sujeito, e o ambiente concreto, com suas incidências múltiplas, a saber, a pluralidade deste objeto ao qual o sujeito, qualquer que seja, está sempre submetido, e isto, apesar do que se diz, desde sua mais tenra infância.

A pretensa ausência dos objetos, a pretensa da criança de peito é algo sobre que até nova ordem, devemos aqui ter as maiores dúvidas. Devo dizer que para mim desde já, se quiserem acreditar em mim, considerarão esta noção como puramente ilusória, posto que se trata de recurso à observação direta nas criancinhas, de saber que não é nada disso, que os sujeitos do mundo são para ela tão múltiplos quanto estimulantes e interessantes.

De que se trata, então?

Podemos definir e articular as descobertas que fizemos como sendo com efeito um certo estilo de demanda do sujeito. Descobrimos estas manifestações onde, que nos fizeram falar de relações sucessivamente orais, anais e genitais, ao mundo? Nós as descobrimos em análises, em análises que estavam sendo feitas em pessoas que desde há muito haviam ultrapassado os estágios em questão, na medida em que são estágios de desenvolvimento

21 de maio de 1958

infantil, e dizemos que o sujeito regride a estes estágios. O que queremos dizer quando dizemos que regride a estes estágios?

Creio que dizer que há qualquer coisa que seja que pareça um retorno à mesma etapa imaginária, supondo que sejam concebíveis, mas suponhamo-las recebíveis, que são as da infância, é algo que nos logra e não nos revela a verdadeira natureza do fenômeno. Quando falamos de fixação num certo estágio no sujeito neurótico, por exemplo, o que poderíamos tentar articular que fosse mais satisfatório que aquilo que recebemos habitualmente? Se efetivamente aquilo de que se trata, que é nossa finalidade, que em todos os casos é nosso caminho, é em suma, aquilo que vemos na análise, a saber, que o sujeito articula, no decurso da regressão - e veremos melhor, mais tarde, o que quer dizer este termo de regressão - articula então sua demanda atual na análise em termos que nos permitem reconhecer então uma certa relação respectivamente oral, anal, genital, com um certo objeto.

Não vêem que isto quer dizer que, numa certa etapa, é na medida em que passaram à função de significante que as relações do sujeito puderam exercer sobre toda a continuação de seu desenvolvimento uma influência decisiva? É na medida em que num certo nível que é o do inconsciente, que o sujeito articula sua demanda em termos orais, que o sujeito *S* está aqui numa certa relação ao nível de uma articulação significativa virtual que é a do inconsciente. É na medida em que é em termos de absorção que o sujeito articula seu desejo, que podemos falar ao mesmo tempo de algo que se apresentará no momento da exploração com um valor particular tal fixação a um certo estágio e que por outro lado será interessante vir a este estágio, fazer regredir o sujeito a este estágio para que algo essencial possa ser elucidado do modo sob o qual se apresenta sua organização subjetiva. Mas o que unicamente nos interessa não é dar àquilo que foi com mais ou menos razão, num certo momento, a insatisfação do sujeito no plano de uma demanda oral, anal ou outra. A insatisfação onde se deteria o sujeito, que devemos dar compensação, gravitação, retorno, mesmo simbólico. É na medida em que é neste momento de sua demanda que surgiram para ele de certa maneira os problemas de suas relações ao Outro, na medida em que vão ser para o depois, totalmente determinantes, para a colocação em posição, a colocação em lugar, de seu desejo. É unicamente por causa disso que isto nos interessa.

Em outras palavras, tudo quanto concerne à demanda naquilo que foi efetivamente vivido pelo sujeito, isto está de vez por todas e doravante terminado. As satisfações ou as compensações que não podemos lhe dar não serão nunca, afinal de contas, senão simbólicas, e dá-las pode até ser considerado como um erro. É um erro na medida em que, evidentemente, isso não é totalmente impossível. Veremos porque isso não é totalmente impossível, precisamente graças à intervenção dos fantasmas, deste algo mais ou menos substancial, por assim dizer, que está suportado pelo fantasma. Mas creio que seja um erro de orientação da análise, pois isso deixa no fim da análise a questão das relações ao Outro, não apurada.

O obsessivo, bem como o histérico, precisa de um desejo insatisfeito, isto é, de um desejo além de uma demanda. O obsessivo resolve a questão da evanescência de seu desejo fazendo dele um desejo proibido. Ele faz suportá-lo pelo Outro, e precisamente pela interdição do Outro. Entretanto, esta maneira de fazer suportar, sustentar seu desejo pelo Outro, é ambígua. Porque um desejo proibido não quer dizer por isso um desejo abafado. A interdição existe para sustentar o desejo, mas para que ele se sustente, é preciso que ele se apresente. É justamente o que o obsessivo faz, e se trata de saber como.

21 de maio de 1958

Como sabem, a maneira pela qual ele o faz é muito complexa. Ele o mostra e ao mesmo tempo não o mostra. Ele se camufla e é fácil entender porque. Suas intenções, digamos, não são puras, e já se tinha apercebido disso, é o que precisamente foi designado por *a agressividade do obsessivo*. Fundamentalmente, toda e qualquer emergência de seu desejo seria para ele a ocasião desta projeção ou deste receio de retorsão que inibiriam precisamente todas as manifestações de seu desejo.

Creio que isto é uma primeira abordagem da questão, mas é desconhecer aquilo de que se trata, no fundo, dizer que o obsessivo se balança sobre uma espécie de balanço que vai da manifestação de um desejo que, por ir longe demais, se torna um desejo agressivo e que de lá, afrouxa ou bascula num desaparecimento, se assim podemos dizer, um desaparecimento que estará ligado ao receio da retorsão efetiva por parte do outro, desta agressividade, a saber, de sofrer por parte dele uma destruição equivalente àquela do desejo que ele manifesta.

Creio que devemos tomar numa apreensão global aquilo de que se trata na oportunidade, e para tal, quase que se deve passar pelas ilusões que esta relação ao outro desenvolve no interior de nós mesmos, eu diria de nós outros analistas, da própria teoria analítica.

Afinal de contas, esta noção de relação ao outro está sempre solicitada por um deslizamento que tende sempre a reduzir o desejo ao problema da demanda. Se o desejo for efetivamente o que articulei aqui, isto é, este algo que ocorre na hiância que a palavra abre, na demanda, logo, como tal, além de toda e qualquer demanda concreta, é evidente que toda e qualquer tentativa de reduzir o desejo a algo de que se demanda a satisfação, se choca contra uma contradição interna. Eu diria que até certo ponto o termo da oblatividade, a saber, do reconhecimento do desejo do outro como tal, daquilo em que os analistas, quase todos eles presentemente, colocam o cume e o *summum* de uma realização feliz do sujeito, daquilo que chamam de a maturidade genital e de que eu lhes dizia um exemplo, há dias, num trecho do autor que pus em causa, a saber, desta tomada profunda de satisfação na satisfação dada à demanda do outro, daquilo que se chama comumente altruísmo, é justamente este algo que deixa escapar o que deve efetivamente ser resolvido no problema do desejo.

Para dizer tudo, creio que o termo da oblatividade, tal como está sendo apresentado nesta perspectiva moralizante, pode-se dizê-lo sem forçar os termos, é um fantasma obsessivo. É totalmente certo que, na análise, tal como as coisas se apresentam, os temperamentos - estou falando daqueles que a prática teoriza, por razões muito fáceis de entender - os temperamentos histéricos são muito mais raros que as naturezas obsessivas. Uma parte da doutrinação da análise é feita segundo a linha, segundo os caminhamentos dos votos obsessivos: a ilusão, o fantasma, até mesmo, que está ao alcance do obsessivo, é afinal de contas que o outro como tal esteja consentindo a seu desejo.

Isto comporta em si dificuldades extremas, posto que é preciso que ele esteja consentindo, mas de maneira totalmente diferente, de uma resposta a uma satisfação qualquer, de uma resposta à demanda. Mas é totalmente eludido, o problema é nos dar a solução em curto-circuito. Isso é mais desejável que pensar que basta estar de acordo, e que para encontrar a felicidade na vida, basta não infligir aos outros as frustrações de que si próprio foi o objeto. Uma parte dos resultados infelizes e perfeitamente confusionais da análise, encontra a demanda a partir de um certo momento: o sujeito exacerbado pela perspectiva das boas intenções, que são as que se estabelecem rapidamente num certo número de pressupostos à feliz terminação do tratamento analítico, mas a se entregar a algo que é uma das tendências

21 de maio de 1958

mais comuns do obsessivo, a saber, este algo que se explica aproximadamente assim: não faça aos outros o que não gostaria que lhe fizessem. Este imperativo certamente categórico é absolutamente essencial e estrutural na moral, mas não sempre de uso prático na existência. Está certamente totalmente fora de propósito quando se trata de uma realização como a conjunção sexual.

A ordem de relação ao outro que consiste em se colocar em seu lugar, é certamente um deslizamento tentador, quanto mais tentador estando o analista justamente em presença deste outro que é o pequeno outro, seu semelhante numa relação agressiva. É muito naturalmente tentado de estar nesta posição de poupá-lo, por assim dizer. Poupar o outro é na verdade o que está no fundo de toda uma série de cerimônias, das precauções, dos desvios, em resumo, de todas as maquinações do obsessivo. Se for para conseguir doutrinar, fazer uma espécie de generalização daquilo que se manifestava, verosimilmente não sem razão, de maneira muito mais complicada em seus sintomas, de fazer dela uma espécie de extrapolação moralizadora e de lhe propor como fim e saída de seus problemas aquilo que se chama a saída oblativa, isto é, a submissão às demandas do outro. Creio que verdadeiramente não valia a pena fazer este desvio. Para dizer tudo, não é senão substituir, como a experiência o mostra, um sintoma, e um sintoma muito grave, pois, evidentemente, de gerar o que vai ocorrer, a saber, o ressurgimento sob outras formas mais ou menos problemáticas, do desejo que nunca foi e não poderia, por estas vias, de maneira alguma, ser resolvido.

É evidente que, nesta perspectiva, podemos dizer que as vias que o obsessivo encontra por si mesmo e nas quais procura a solução do problema de seu desejo, são mais adequadas se não forem adaptadas, porque nelas o problema se lê de maneira clara, pelo menos. Por exemplo, há vários modos de soluções; há uns no nível de uma relação efetiva com o outro, precisamente. A maneira do obsessivo se comportar para com seu semelhante, quando ainda é capaz, quando não está submergido por seus sintomas, e é raro que esteja completamente, é algo suficientemente indicativo em si mesmo e que provavelmente leva a um beco sem saída, mas que dá contudo uma indicação não tão ruim assim para a direção. Por exemplo, falei das manifestações de façanhas do obsessivo: o que são estas façanhas?

Para que haja façanha, devemos ser pelo menos três, porque ninguém realiza uma façanha sozinho. Precisamos ser dois para que haja algo que se pareça com uma façanha, para que haja *performance* alcançada, *sprint*. Precisa também alguém que testemunhe e registre. É evidente que o obsessivo procura na façanha é obter o que há pouco chamávamos de a permissão do outro, em nome de algo muito polivalente. Em nome disto, pode-se dizer que ele mereceu verdadeiramente o que tentava obter, a satisfação não é algo que se classifica no terreno onde ele a mereceu. Observem a estrutura de nossos obsessivos. O que quer dizer aquilo chamado de superego? Quer dizer que eles se infligem toda sorte de tarefas particularmente difíceis, particularmente provadoras, que eles as levam a cabo, por sinal, com muito brio, e quanto mais facilmente que é justamente o que eles desejam, conseguindo um resultado muito, mas muito brilhante, e em virtude disso, eles teriam direito a umas férias durante as quais fariam o que quisessem, donde a dialética bem conhecida do trabalho e das férias. No obsessivo, o trabalho é poderoso, sendo feito para libertar o tempo da grande vela que será o das férias, revelando-se geralmente este tempo de férias como quase perdido. Por quê? Porque evidentemente aquilo que se tratava era de obter a permissão do outro, e como outro - falo do outro que existe de fato - não tem absolutamente nada a ver com toda esta dialética, pela simples razão que o outro real está ocupado demais com seu próprio outro, ele não tem motivo algum para cumprir esta

21 de maio de 1958

missão de dar à façanha do obsessivo sua pequena coroa, a saber, este algo que seria justamente a realização de seu desejo, na medida em que este desejo não tem nada a ver com o terreno no qual ele demonstrou todas as suas capacidades.

Isto é uma fase certamente muito sensível e que vale muito bem a pena ser exposta, apresentada sob um aspecto humorístico. Mas ela não se limita aí, e é justamente o interesse destes conceitos deste grande Outro e deste pequeno outro, este fato de serem aplicáveis, estruturarem suas relações vividas em muito mais de uma direção. Pode-se dizer também, que por um lado, o sujeito domina, na façanha, e isso foi dito por outros que não eu. Amansa e domestica aquilo que se chama uma angústia fundamental, e aí ainda, creio que se desconhece uma dimensão fundamental do fenômeno, a saber, que o essencial não está nesta esperteza, neste risco corrido que sempre no obsessivo é corrido dentro de limites muito estritos, quero dizer, no fato de que uma sábia economia distingue estritamente tudo quanto o obsessivo arrisca em sua façanha, de qualquer coisa que seja que se pareça com o que se chama o risco da morte na dialética hegeliana.

Há algo na façanha do obsessivo que permanece irremediavelmente fictício, pela razão que a morte, quero dizer, lá onde está o verdadeiro perigo, está completamente alhures que não no adversário que ele parece desafiar efetivamente. Ele está justamente ao lado desta testemunha invisível, deste outro que está aí como o espectador, aquele que conta os golpes, e aquele que vai dizer do outro: *Decididamente, é um cara da pesada!*, como se exprime em algum lugar no delírio de Schreber. Mas se reencontraria esta espécie de exclamação para marcar o fato, enfatizar o acontecido, como implícita, como latente, como desejada em toda esta dialética da façanha. O obsessivo, aqui, coloca numa certa relação à existência do outro como sendo seu semelhante, como sendo aquele no lugar de quem ele pode se colocar, e é justamente porque ele pode se colocar em seu lugar que não há espécie alguma de risco essencial naquilo que demonstra, em seus efeitos de garbo, de jogo esportivo, de risco mais ou menos aceito. Este outro com o qual ele brinca, afinal de contas não passa de um outro que é ele mesmo, de um outro que, desde já e de qualquer maneira, sob qualquer ângulo que ele encare as coisas, lhe deixa o troféu. Mas o outro diante de quem isto ocorre, é também aquele que deve ser preservado a todo custo, é ele que é importante, é o ponto, o lugar, por assim dizer, onde se registra a façanha. É aí que se inscreve, por assim dizer, sua história. Este ponto que deve ser mantido a todo custo, e que o faz tão aderente a tudo quanto é verbal, a tudo quanto é da ordem do cômputo, da recapitulação, da inscrição, da falsificação também, e que faz com que aquilo que o obsessivo quer manter antes de mais nada, sem o demonstrar, parecendo visar desejar outra coisa, é esse Outro (com O maiúsculo) no qual as coisas se articulam em termos de significante.

Eis pois, a primeira abordagem sob a qual podemos começar a abordar este voto, posto que além de toda demanda e daquilo que ele deseja, se trata de ver a que visa em seu conjunto a conduta do obsessivo. É certo que esta permanência do Outro, com um grande O, é para ele o objetivo essencial, porque é o objetivo primeiro, o objetivo preliminar no interior do qual somente pode ser feita esta validação tão difícil de seu desejo. O que pode ser e o que será esta validação? É o que teremos que articular a seguir. Mas primeiro é necessário que os quatro cantos, por assim dizer, de sua conduta, estejam fixados de maneira tal que por assim dizer, as árvores não escondam a floresta, e que para surpreender tal ou tal destes pequenos mecanismos, não estejamos, de alguma forma retidos, fascinados por este mecanismo que lhe dá uma espécie, porque ele tem um certo estilo, encontrando aí esta satisfação. Evidentemente sempre se deve se deter num detalhe qualquer de um organismo; é uma satisfação que não é completamente ilegítima, posto que um detalhe,

21 de maio de 1958

com efeito, reflete sempre, pelo menos no ramo dos fenômenos naturais, algo da totalidade, mas numa matéria que é de uma organização tão pouco natural quanto a das relações do sujeito ao significante. Não podemos confiar inteiramente à reconstituição de toda a organização obsessiva a partir de tal mecanismo de defesa, pois evidentemente, vocês podem começar a exprimir tudo disso no catálogo dos mecanismos de defesa.

Tento fazer outra coisa. Tento lhes fazer descobrir os outros quatro cantos cardinais em torno dos quais se orienta e se polariza cada uma das defesas do sujeito.

Eis aqui duas hoje, a saber, este canto que abordamos primeiro, o papel do fantasma. Vemos agora o propósito da façanha, que esta presença do outro como tal é algo absolutamente fundamental. Há outro ponto sobre o qual gostaria pelo menos de introduzir o capítulo. Ao ouvirem falar de façanha, pensaram provavelmente em todo tipo de comportamentos de seus obsessivos. Há uma façanha que talvez não mereça ser considerada como tal: é o que se chama na análise, o *acting-out*. Aí, me dediquei espero que, a meu exemplo, vocês se dediquem também, nem que fosse para confirmarem o que eu avanço, a algumas investigações na literatura. É surpreendente, a tal ponto que não se sai daí. Uma pessoa fez o melhor artigo sobre este assunto, a saber....., sob o título *General problems of acting-out*. É um artigo absolutamente notável, porque mostra que até o momento, nada valioso foi publicado a respeito.

Creio que é preciso limitar estes problemas. Creio que é completamente impossível limitá-los, se se restringir, por exemplo, à noção geral que é um sintoma, um compromisso, que tem um sentido duplo, que é um ato de repetição, pois é afogá-lo em todas as compulsões da repetição em suas formas mais gerais. Creio que se isso tiver um sentido, é sempre algo que surge no decurso de uma tentativa de solução deste problema da relação e do desejo, e é por isso que esta espécie de ato que se chama o *acting-out* se produz certamente no caminho, no campo desta realização, na análise, do desejo inconsciente. Ele é extremamente instrutivo, porque se procurarmos de perto o que caracteriza os fatos de *acting-out*, encontramos nele toda sorte de componentes absolutamente necessários que farão com que, por exemplo, seja o que os distingue daquilo que se chama um ato falho, a saber, daquilo que chamo aqui mais propriamente, de um ato com êxito, quero dizer um sintoma, na medida em que deixa aparecer claramente uma

O *acting-out* é algo que comporta sempre um elemento altamente significante, justamente nisso, que ele é enigmático. Chamaremos de *acting-out* unicamente um ato que se apresente com este caráter todo especialmente imotivado. Isso absolutamente não quer dizer que ele não tenha causa, mas justamente que é psicologicamente muito imotivável, pois é um ato sempre significado.

Por outro lado, o papel de um objeto no *acting-out*, de um objeto no sentido material do termo, isto é, aquilo sobre que deverei retornar na próxima vez para lhes mostrar justamente qual função limitada se trata de atribuir, em toda esta dialética, ao papel do objeto. Sempre existe, por outro lado, no *acting-out*, a função e a relação, quase a equivalência que há entre o fantasma e o *acting-out*, quero dizer, que o *acting-out* geralmente está estruturado de uma maneira que se aproxima muito de um cenário. É, à sua maneira, algo que é do mesmo nível do fantasma. Há uma coisa que o diferencia do fantasma e também da façanha: é que se façanha [No texto há: *falta pág 38* e ele pára aqui. - ndt].